

# O EFEITO DE ESTRATÉGIAS INTERACIONAIS SOBRE UM FENÔMENO VARIÁVEL

**Rodrigo Alipio Carvalho do Nascimento\***

*Resumo:* A pesquisa volta-se para o uso do artigo indefinido diante de referentes de traço não-contável. Cercamos o fenômeno no contexto em que nos parece que ele seja mais recorrente. Nosso principal objetivo é o de demonstrar a sistematicidade existente da variação, aparentemente aleatória, de tal modo a determinar as motivações de uso. Estabelecemos a relação da perspectiva dos estudos sociointeracionais com o tratamento laboviano dos dados.

*Palavras-chave:* Teoria da variação; sociolinguística interacional; artigo indefinido.

## PALAVRAS INICIAIS

■ **U**ma das questões centrais da metodologia variacionista consiste no desenvolvimento de modelos matemáticos capazes de dar conta da variabilidade observada na língua, correlacionando pesos relativos entre a variável dependente e as variáveis independentes. O objetivo é medir o efeito de variáveis independentes em relação ao fenômeno.

Assim, uma variável é compreendida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas controlado por *grupos de fatores* (também denominados *variáveis independentes*). As variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa à língua, assim como podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

A análise do fenômeno variável leva em conta a covariação de *fatores extralingüísticos* (externos à língua, sociais: tradicionalmente, classe social, idade, esco-

laridade, profissão, mídia e mercado lingüístico) e *lingüísticos* (internos à língua, fonológicos, semânticos, morfossintáticos e discursivo-pragmáticos). Considera a natureza diversificada da variação e a atuação simultânea de condicionamentos de natureza psicolingüística, fonológica, morfossintática e pragmática. O permanente dinamismo da língua oferece exemplos em todos os níveis.

Os dados levantados na presente pesquisa foram submetidos aos programas do pacote computacional Varbrul (do inglês *variable rules*) em sua versão para Windows: o Goldvarb 2001 – como instrumental usado para quantificar os dados e calcular o peso relativo relacionado a cada variante dos grupos de fatores sob controle. Tais pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística de base laboviana estão sendo conjugados com a abordagem da Sociolingüística Interacional.

A investigação científica – lingüística ou não-lingüística – freqüentemente usa instrumentos da estatística para melhor conhecer, entender e medir o efeito das variáveis sobre a emergência das variantes. Ao desenvolver a pesquisa, porém, o pesquisador pode descobrir que, entre as variáveis independentes, há aquelas que são relevantes e aquelas que são irrelevantes do ponto de vista estatístico. A metodologia da investigação é, nesse sentido, muitas vezes, experimental e cabe ao lingüista interpretar os resultados que lhe são apresentados pelo uso do programa estatístico mencionado.

*As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas (NARO, 1992).*

## O FENÔMENO

Os exemplos da variação analisada no estudo acham-se ilustrados em (1) e (2), sendo **ø** a notação estabelecida quando da ausência do determinante, alterando-se com a presença do artigo indefinido:

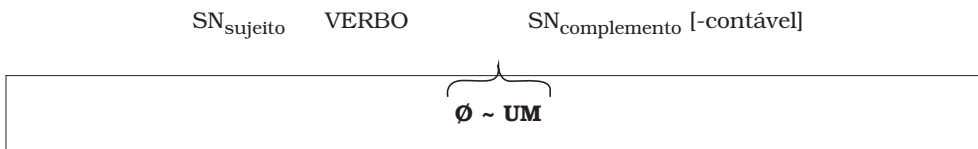
- (1) Você aceita **ø** *café*?
- (2) Você aceita **um** *café*?

Os exemplos (1) e (2) encontram-se em contexto interacional. No entanto, a alternância **ø** ou **um** pode ocorrer em outros tipos de discurso, como no texto em (3):

- (3) Eu fico em casa, eu tenho que fritar **um** *ovo*, eu tenho que fazer **um** *cachorro-quente*... se for **ø** *lingüiça* você tem que esquentar a lingüiça, vai tirar **um** *pouquinho do sal*, faz o tempero, **um** *molho de tomate*, **ø** *cebola*, **ø** *pimentão*, depois corta **um** *pãozinho* no meio, bota **ø** *lingüiça*, **um** *queijinho parmesão* dentro, **uma** *maionese* (PAIVA, 1999).

A variável independente em foco acha-se exemplificada em (1) e (2). Nosso objetivo é demonstrar a sistematicidade existente do fenômeno, aparentemente utilizado por acaso, em contextos de interação discursiva.

A construção em que  $\emptyset$  e **um** ocorre ilustra-se em estruturas do tipo:



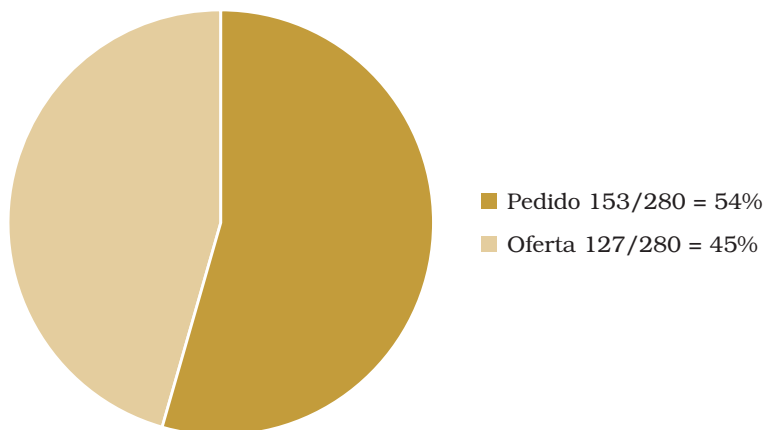
**Figura 1** – Estruturas de análise.

Analisamos construções nesse padrão em que apenas itens lexicais específicos ocupam a posição de núcleo do Sintagma Verbal. São eles os seguintes: *desejar, gostar, querer, aceitar, ter, dar, ver, custar/ser* (em estruturas QU?). Torna-se importante assinalar que, como propomos trabalhar somente os dados em contextos interacionais, neste texto nosso universo estudado inclui somente situações de oferta e pedido de produtos.

### ANÁLISE QUALITATIVA

Na tentativa de demonstrar que as variantes são contextualizadas por parâmetros, foram controlados os seguintes grupos de fatores, ou variáveis independentes: papel interacional, e tempo e modo verbal.

A primeira variável independente controlada em nossa análise é o que denominamos *papel interacional* assumido pelo falante em situação real de fala. Como agentes ou interagentes de pedido e de oferta, os indivíduos da amostra processam construções variáveis com  $\emptyset$  e **um** diante de nomes não-contáveis ao oferecer ou solicitar um produto. O Gráfico 1 mostra a distribuição de ambos os papéis no universo de dados examinados.



**Gráfico 1** – Distribuição dos papéis interacionais.

Nossa hipótese baseia-se no fato de que a presença do artigo pode estar influenciada por motivações de natureza interacional. Controlamos, assim, a variável binária *estratégia interacional* cujos grupos de fatores são *pedido* e *oferta*. A seguir, apresentamos os dados (4) a (7) que exemplificam ambas as estratégias:

- (4) Tudo bem, meu amigo? Me dá **um** *cafezinho*?  
**Um** *cafezinho* e **um** *bombom*. [pedido – Ambiente 1]
- (5) Tem **o** *guaraná* diet? [pedido – Ambiente 2]
- (6) Deseja alguma coisa, senhor?  
**Uma** *água* ou **o** *café*? [oferta – Ambiente 3]
- (7) Aceita **o** *bebida*, senhora? [oferta – Ambiente 2]

Os dados (4) e (5), extraídos de nossa amostra, apresentam estratégia de pedido. Os dados (6) e (7) exemplificam as de oferta. Na seqüência, mostramos os resultados obtidos na Tabela 1.

**Tabela 1** – Efeito da variável estratégia interacional sobre o preenchimento do determinante diante de SN incontável

<b>Pedido</b>	153/280 = 54%	0,65
<b>Oferta</b>	127/280 = 45%	0,53

A Tabela 1 nos mostra o efeito das estratégias interacionais sobre o fenômeno variável em tela. Podemos dizer que os resultados ratificam nossa hipótese, pois há maior incidência de preenchimento de artigo nas interações cujo papel é de pedido: 0,65 de preenchimento em confronto com 0,53 de não-preenchimento. Segundo Brown e Levinson (1987), quanto mais custoso o pedido, mais ameaçador se torna à face, e o falante tende a utilizar estratégias mais formais. O efeito de não-preenchimento em contextos interacionais demonstra que o interactante que exerce o poder de oferecer o produto tende a ser um pouco mais livre na escolha de suas estratégias. Para realmente confirmar essa hipótese, conferimos outros resultados, como pistas complementares à nossa investigação.

O segundo grupo de fatores que o Goldvarb (2001) seleciona é formalidade do tempo e do modo verbal. Estabelecemos a seguinte categorização: consideramos tempo e modo verbal [+formal] aqueles verbos usados em estilo conversacional com traço [-direto], como os verbos no modo subjuntivo e os verbos no futuro do pretérito do indicativo. Observemos os seguintes dados:

- (8) Aceitaria **o** *água*, senhor? [futuro do pretérito – oferta – Ambiente 3]
- (9) Por favor, há a possibilidade de que você me dê **um** *refrigerante*? [subjuntivo – pedido – Ambiente 2]

Já as construções consideradas menos formais tendem a apresentar os verbos no presente do indicativo ou no imperativo, sendo este último praticamente extinto da língua falada com valor de ordem (cf. SCHERRE, 2005).

(10) Me vê **uma** *aguinha* aí, por favor! [pedido – Ambiente 1]

(11) Quer **o** *suco*, senhor? [oferta – Ambiente 2]

No momento em que quantificamos a presença do artigo após SV com traços [+formal], como é o caso de verbos no modo subjuntivo ou no pretérito imperfeito do indicativo, verificamos maior possibilidade de ocorrência do preenchimento, como no exemplo:

(12) Por favor, gostaria de **um** *café expresso*. [Ambiente 2]

diferentemente de SVs com traços considerados [-formal], encontrados no presente do indicativo e em imperativo, como podemos observar em (13):

(13) Quero **o** *água*. Quanto custa **uma** *água*, hein? [Ambiente 1]

Vejam os resultados na Tabela 2:

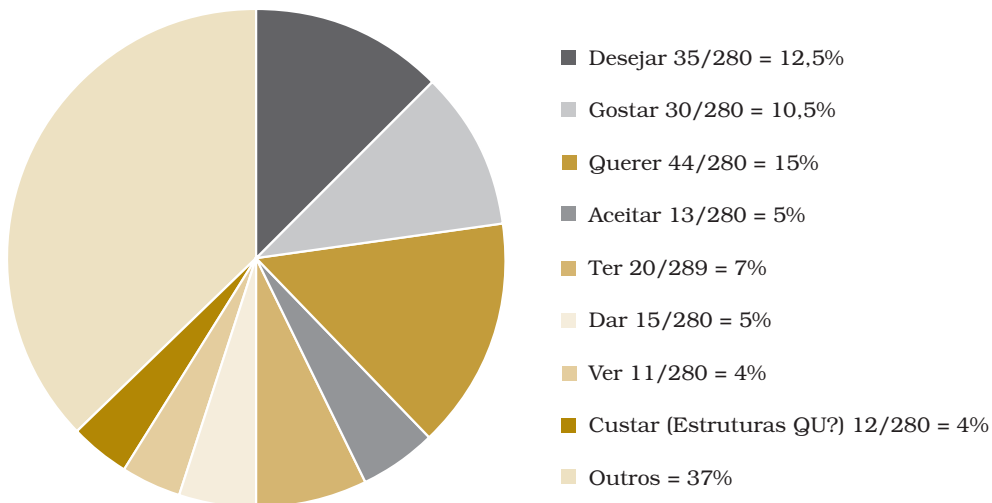
**Tabela 2** – Efeito do grau de formalidade verbal sobre o preenchimento do artigo **um** diante de SNs incontáveis

<b>+ Formal (futuro do pretérito do indicativo e subjuntivo)</b>	36/47 = 75%	0,71
<b>- Formal (presente do indicativo e imperativo)</b>	89/133 = 56%	0,41

A Tabela 2 apresenta o efeito da formalidade verbal sobre a emergência de **um** diante de SNs com traço [- contável]. De modo a ratificar nossa hipótese, configura-se como tendência, em nossos dados, a possibilidade de preenchimento em itens de maior grau de formalidade, como vemos no resultado 0,71. Em contrapartida, os itens com menor grau de formalidade atingem a marca de 0,46.

Suspeitamos, também, que, além do controle da formalidade verbal, através do modo e tempo, a análise dos itens lexicais elucidasse alguma influência na escolha de preenchimento. O Gráfico 2 mostra o percentual de distribuição dos itens lexicais na função de núcleo do SV em nosso universo de dados.

Segundo o Gráfico 2, notamos uma distribuição bastante irregular do uso desses itens lexicais. Marques (1996) levanta a frequência de uso dos itens lexicais das gravações do projeto Nurc-RJ. Os verbos de maior frequência nos contextos interacionais selecionados coincidem com os verbos de maior frequência encontrados por Marques. No topo da lista dos itens verbais mais frequentes estão: *querer*, totalizando 15% dos dados; *desejar*, 12,5%; *gostar*, 10,5%. Em seguida vemos *ter*, com 7%; *dar*, 5%; *ver* e *custar ser/aceitar* (em estruturas QU?), com 4% cada um. Há uma grande parte de dados, excluída de nossa análise, que corresponde aos dados com ausência de verbos (37%). Os itens verbais encontrados em nossos dados são os seguintes:



**Gráfico 2** – Distribuição dos itens lexicais núcleo de SVs.

*Desejar:*

*Deseja uma bebida, senhor?* [oferta – Ambiente 3]  
 Hum, *desejaria uma água* sem gelo, por favor. [pedido – Ambiente 2]

*Gostar:*

*Gostaria de uma bebida?* [oferta – Ambiente 3]  
 Eu *gostaria* de uma coca light se tiver. [pedido – Ambiente 3]

*Querer:*

*Quero o bala* também. [pedido – Ambiente 1]  
*Quer um suco* também? [oferta – Ambiente 2]

*Ter:*

*Tem o água?* [pedido – Ambiente 1]  
*Tem o água* com gás, senhora! [oferta – Ambiente 2]

*Dar:*

Me *dá um queijo* no pão integral, por favor. [pedido – Ambiente 1]

*Ver:*

Me *vê uma aguinha*, por favor. [pedido – Ambiente 1]

*Custar / Ser / Estar ( em estruturas QU?):*

Quanto *é* que *é uma água*? [Ambiente 1]  
 Quanto *custa um refrigerante*? [Ambiente 2]

*Aceitar:*

*Aceita o bebida*, senhora? [oferta – Ambiente 3]

A fim de chegar a um resultado mais esclarecedor quanto à influência dos itens lexicais na gradiência de formalidade, procedemos ao cruzamento entre a frequência de preenchimento por item lexical e o uso de estratégias interacionais. Obtivemos os seguintes resultados expostos nas Tabelas 3 e 4, a seguir.

**Tabela 3** – Item verbal – pedido

<b>Desejar</b>	8/12 = 60%
<b>Gostar</b>	8/9 = 88%
<b>Querer</b>	28/33 = 85%
<b>Ter</b>	2/15 = 13%
<b>Dar</b>	13/15 = 88%
<b>Ver</b>	10/11 = 90%
<b>Custar (em estrutura QU?)</b>	9/12 = 75%

**Tabela 4** – Item verbal – oferta

<b>Desejar</b>	15/23 = 67%
<b>Gostar</b>	20/21 = 94%
<b>Aceitar</b>	9/13 = 70%
<b>Querer</b>	8/11 = 73%
<b>Ter</b>	1/5 = 20%

A desequilibrada distribuição dos dados nas referidas tabelas dificulta conclusões definitivas, mas nos fornece algumas indicações interessantes. A formalidade do item verbal, por si só, não é fator determinante para o preenchimento de **um** diante de SNs incontáveis, pois itens verbais como *aceitar* e *querer* apresentam frequências de preenchimento muito próximas. De um lado, temos um item verbal considerado formal e, de outro, um bem informal.

Analisando esses resultados sob o ponto de vista da indiretividade (cf. TANNEN, 1994), chegamos a indicações instigantes quando contrapomos as construções com *ter* e os demais verbos. Dados como “*Tem o água?*” configurando estratégia de pedido podem ser considerados *indiretos* enquanto “*Quero o água*”, no mesmo papel interacional, é considerado o oposto. Os enunciados com *querer*, *aceitar*, *desejar*, entre outros, analisados como de estilo conversacional mais *direto*, possuem uma frequência de preenchimento acima de 60%, enquanto os com o item verbal *ter*, considerados como de estilo conversacional

mais *indireto*, possuem freqüência de preenchimento abaixo dos 20%. Vemos essa possível regularidade nos dados por parte do interagente exercendo papel de pedido e oferta.

Para atestar a hipótese da escala de formalidade, procedemos ao cruzamento dos dados entre os fatores *formalidade verbal* e *papel interacional*. Observamos a Tabela 5:

**Tabela 5** – Efeito do cruzamento entre formalidade verbal e papel interacional sobre o preenchimento de **um** diante de SNs incontáveis

	<b>Pedido</b>	<b>Oferta</b>
<b>+ formal</b>	20/28 = 71%	16/19 = 84%
<b>- formal</b>	58/79 = 75%	31/54 = 58%

Os resultados desse cruzamento demonstram que o contexto mais propício para o preenchimento do artigo indefinido diante de nomes incontáveis incide preferencialmente nos contextos de pedido e com verbos cujo tempo se acha no grupo dos mais formais. Notamos também que, em estratégias de pedido, não há diferença significativa quanto à formalidade, medida por meio de seu tempo e modo, pois temos 71% de preenchimento para o grupo dos verbos considerados mais formais e 75% de preenchimento para os considerados menos formais.

A indiretividade parece preponderar, confirmando que estratégias de polidez mais custosas, como é o caso de oferta, ainda que em contextos de menos formalidade, requerem o cuidado do falante ao processar os enunciados. A ausência de artigo torna-se importante para marcar maior polidez e conseqüente indiretividade.

Cabe aqui um questionamento metodológico a respeito do conceito de *variável* para a Teoria da Variação. Fiquemos com o conceito de *variação* segundo William Labov (1972, p. 271):

*Social and stylistic variation presuppose the option of saying “the same thing” in several different ways: that is, the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance.*

Há alguns pontos que precisam ser destacados nessa definição de Labov, a começar pela idéia de “falar a mesma coisa”. Beatriz Lavandera (1978) questiona a validade de analisar fenômenos que ultrapassam o âmbito fonológico à luz da Sociolinguística. Lavandera (1978, p. 73) diz: “*I think we are losing in extending so comprehensively the concept of variable to ‘whenever the speaker has an option’*”. Para a autora, é bastante compreensível considerar que duas variantes fonológicas possuam o mesmo valor de verdade; mas, ao passar para níveis superiores, como o morfológico, o lexical e o sintático, torna-se difícil afirmar que as formas variantes constituem “diferentes formas de dizer a mesma coisa”, uma vez que um morfema, um item lexical e mesmo uma construção sintática já têm em si um sentido próprio. A discussão da relação forma/função continua na ordem do dia, e este trabalho mostra-se rico para que o embate permaneça.



Encontramos posições controversas sobre o tema entre os lingüistas que se dizem variacionistas. Para um fenômeno de natureza sintática que, em sua maioria, opõe duas construções que não “dizem a mesma coisa” (cf. WEINER; LABOV, 1983), é claro que algumas concessões têm de ser feitas, e uma das principais é o alargamento da noção de *sentido referencial*. Ao invés de aceitar como variáveis apenas variantes que “digam a mesma coisa”, passa-se a admitir a *compatibilidade funcional* (cf. MOTHÉ, 2007, p. 38) entre as formas alternantes. Este é o tratamento dado à nossa variável dependente: são equivalentes, intercambiáveis funcionalmente.

## OUTROS RUMOS DE ANÁLISE

Outro fator que nos chamou atenção em nossos dados – embora não tenhamos controlado na análise nesta etapa da pesquisa – é o caráter funcional dessas construções com **o** e **um** diante de SNs incontáveis, possivelmente ancorado a um processo de gramaticalização. Por esse motivo, desde já nos comprometemos a analisar os dados sob perspectiva funcionalista. Suspeitamos que haja o que os funcionalistas chamam de *transferência metonímica-metafórica* (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993) em dados como:

- (14) Quero **uma** água, por favor.  
 (15) Me dá **um** cafezinho e **um** chá agora.

Antilla (1989 apud VOTRE 1994, p. 35) considera a metonímia como

*[...] uma transferência semântica, através da contigüidade indicial. Assim a metonímia aponta para as relações que se verificam entre os índices num contexto, em que um item indica outro, ausente ou implícito, com o qual normalmente co-ocorre. Metonímia resulta em reanálise, conforme pode ser visto no exemplo 4 [Atenda a mesa três] em que a mesa três é tomada como índice para “os interesses e necessidades das pessoas que estão sentadas ao seu redor”.*

Dessa forma, nossos exemplos (14) e (15), na verdade, cognitivamente, são interpretados da seguinte forma:

- (14a) Quero **uma** [garrafa/ copo/ litro/ quantidade de] água, por favor.  
 (15a ) Me dá **um** [xícara/ caneca/ copo/ quantidade qualquer de] cafezinho e **um** [xícara/ caneca/ copo/ quantidade qualquer de] chá agora.

De acordo com o pensamento de Hopper e Traugott (1993), em termos de Votre (1994, p. 35), temos:

*Os processos de formação metonímica são menos conhecidos, e menos explorados na literatura lingüística. Em certos casos são mais poderosos do que os processos metafóricos. Uma vez que os processos de gramaticalização se dão sempre num contexto situacional, de uso, isto é, numa forma, num contexto interacional específico, entende-se que os processos metonímicos tenham tanta importância.*

Encontramos referência a isso em Martelotta (2008, p. 188) quando afirma que a construção de sentido implica o estabelecimento de conexões entre domí-

nios cognitivos. O autor sistematiza três tipos de conexões denominadas por ele *projeções*. As que nos interessam nesse ponto são as *projeções de funções pragmáticas*.

*[as projeções de funções pragmáticas] projetam um domínio em outro a ele relevante em conseqüência de uma relação estabelecida localmente por uma função de caráter pragmático. Esse tipo de projeção é característico das metonímias e desempenha um papel importante na organização do nosso conhecimento, provendo meios de identificar elementos de um domínio através de sua contraparte em outro domínio (MARTELOTTA, 2008, p. 188-189).*

## PALAVRAS FINAIS

O “corte” que fizemos para este artigo, considerando apenas os dados interacionais, está longe de representar todos os aspectos que envolvem o emprego de **o** e **um** diante de entidades nominais com traço [-contável].

A ampliação deste estudo tem necessariamente que levar em conta a presença e a ausência de artigos definidos e indefinidos, independentemente do contexto de uso. Assim, pretendemos dar continuidade a este trabalho, na etapa de doutoramento, procurando analisar todo o universo de empregos tais como nos exemplos abaixo.

- a) Quero tomar **aquele** banho.
- b) Preciso tomar **o** banho.
- c) Preciso tomar **um** banho.

Dessa forma, a pesquisa que desenvolvemos deixa muitas perguntas, como:

- 1) O tratamento adotado na análise é o mais adequado?
- 2) Os princípios aqui aludidos estão satisfatoriamente sustentados pelos estudiosos?
- 3) Como trabalhar **o** ~ **um** ~ **o**, considerando **o** ausência de artigo, **um** presença de artigo indefinido e **o** presença de artigo definido?
- 4) Nos contextos não-interacionais, o fenômeno se apresenta de forma diferente?

Tais questões merecem especial atenção nas subáreas da semântica/pragmática e na lingüística cognitiva. Deixamos claro, neste texto, que a prescrição gramatical limita o entendimento sobre aspectos da linguagem analisados. O propósito deste trabalho foi tanto demonstrar quanto apontar a possibilidade de nova perspectiva para a compreensão fenômeno estilístico, por meio da metodologia variacionista. Nesta fase, no entanto, estamos certos de que a complexidade da língua em uso impõe múltiplos pontos de vista sobre o objeto de estudo escolhido para exame nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, n. 7, p. 171-182, 1978.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: CUP, 1983.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTHÉ, N. *Variação e mudança além e aquém mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no português dos séculos XIX e XX*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *Cadernos Didáticos da UFRJ*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

PAIVA, M. C. (Org.). *Amostras do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. A norma do imperativo e o imperativo da norma – uma visão sociolingüística do conceito de erro. In: \_\_\_\_\_. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TANNEN, D. *Conversational style: analyzing talk among friends*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1984.

WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, n. 19, p. 29-58, 1983.

VOTRE, S. Base cognitiva da interação. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 104, 1994.

NASCIMENTO, Rodrigo Alípio Carvalho do. The effect of interactional strategies in a variable phenomena. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n.1, p. 74-84, 2008.

**Abstract:** *This research deals with the usage of the indefinite article before mass nouns. We have limited the phenomena in the context in which it seems to be more recurrent. Our main objective is demonstrating the systematic occurrence of the phenomena, apparently used by chance, as a manner of determining its usage contexts and motivations. We established the relationship of interactional studies for the labovian data treatment.*

**Keywords:** *Variational sociolinguistics; conversational style; indefinite articles.*